

SESSÃO DE ABERTURA

■ JOÃO PEDRO RIBEIRO

Muito bom dia a todos!

Em nome do Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico gostava de começar por lhes dar as boas-vindas ao Museu do Côa. Permitam-me também que cumprimente, em particular, os meus colegas de mesa. E começo pelo Sr. Presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, instituição com quem temos tido ao longo do tempo as melhores relações, as quais esperamos que venham ainda a ser mais frutuosas no futuro que se avizinha. As questões da gestão do Património, que aqui envolvem, em particular, o Parque Arqueológico do Vale do Côa e o próprio Museu do Côa, não podem ser tratadas pelos seus responsáveis sem uma relação particularmente coesa — e cúmplice, diria mesmo — com as populações locais e os seus mais directos representantes. Gostava também de cumprimentar as Professoras Doutoras Raquel Vilaça, da Universidade de Coimbra, e Maria de Jesus Sanches, da Universidade do Porto, no registo informal que a consideração e amizade que a ambas me liga permite. Por último, quero também saudar a Sr.^a Directora do Parque Arqueológico do Vale do Côa e do Museu do Côa, Dr.^a Alexandra Cerveira Lima, que não só acompanhou todo o processo que antecedeu a inauguração do Museu, como também tem, com visível sucesso, gerido esta estrutura nos seus primeiros meses de actividade.

Mais do que tecer considerações formais sobre a inquestionável importância deste evento ou sobre a pertinência do tema que ele pretende tratar, permito-me realçar que o facto de hoje estarmos aqui reunidos para a realização desta mesa-redonda, concretiza aquilo que, em minha opinião, sempre foi um sonho que se acalentou em torno do vale do Côa e do seu património único.

Depois da descoberta das suas ímpares gravuras paleolíticas ao ar livre, impunha-se naturalmente não só o seu continuado estudo, que ainda hoje prossegue, como também a indispensável conservação e divulgação do património envolvido. Num primeiro momento procurou-se alcançar tais objectivos com a criação do Parque Arqueológico do Vale do Côa e a promoção de visitas guiadas às gravuras, não apenas no intuito de assegurar a sua preservação, mas também para melhor fazer chegar ao grande público o seu real significado e importância enquanto património da humanidade. Com a recente abertura do Museu do Côa pretendeu-se criar um equipamento complementar a todas estas valências, não só facilitando a fruição das gravuras do vale do Côa por um público substancialmente mais alargado, como também reforçando a importância deste património a nível mundial, sublinhando a sua singularidade no contexto das primeiras expressões artísticas que acompanharam o aparecimento do homem moderno à escala do globo.

Mas se a aposta na promoção deste património tem agora criadas todas as condições para ser transformada numa âncora para o desenvolvimento turístico da região, cabendo apenas aos promotores e responsáveis locais e regionais o seu judicioso aproveitamento, a nossa ambição de aproveitar estas mesmas estruturas para a realização de eventos científicos e culturais encontra nesta mesa-redonda a sua primeira concretização. Por isso não posso deixar de saudar as Universidades de Coimbra e do Porto, enquanto promotores do evento, pela sua iniciativa, agradecendo-lhes a sábia decisão de terem escolhido esta casa, que é de todos nós, para a sua realização.

Dando assim as boas-vindas a todos os que vão participar nesta mesa-redonda — a qual colheu da parte do IGESPAR, desde a primeira hora, total apoio porque correspondia exactamente a um objectivo há muito ambicionado — gostaria de vos desejar um excelente trabalho e que este seja o primeiro de muitos eventos deste tipo e de outros que aqui venham a ter lugar.

Muito obrigado e bom trabalho.

[Aplausos]

■ RAQUEL VILAÇA

Muito bom dia. Em nome da coordenadora científica do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto, Prof.^a Maria da Conceição Lopes, que não pode estar presente, saúdo todos vós e agradeço por terem vindo, participando nesta iniciativa promovida pelo Centro em colaboração com o IGESPAR, o Parque Arqueológico do Vale do Côa e Museu e Câmara Municipal.

Cumprimento também todos os meus colegas de mesa e quero dirigir uma palavra muito especial à Prof.^a Maria de Jesus Sanches, dinamizadora desta iniciativa. Naturalmente que as minhas palavras de congratulação se estendem igualmente a todos os elementos — colegas e estudantes — da Comissão Organizadora.

Esta é mais uma das diversas iniciativas que o CEAUCP tem promovido, ou onde tem colaborado, nos últimos tempos. Recordo, por exemplo, a recente organização do workshop “Diásporas, paisagens e arquitecturas” no âmbito do “II Encontro Internacional Património Mundial de Origem Portuguesa”, realizado em Coimbra em Outubro passado; ou o Colóquio “Leituras do Sul Cristão” a realizar em Mértola no próxima fim-de-semana. E ainda, tendo em conta a especificidade deste auditório, recordar aqui as Jornadas sobre “Estelas e estátuas-menires: da Pré- à Proto-História”, realizadas em Outubro de 2009, e cujas actas — em preparação adiantada — reúnem 17 colaborações em mais de 400 páginas.

Dizia que esta — a de hoje — é mais uma das muitas iniciativas. Mas não é só mais uma. É também uma das que faltava, na medida em que a temática escolhida não só é oportuna e inovadora, mas da maior pertinência no âmbito da investigação das sociedades pré e proto-históricas. Por isso, é meu desejo que esta mesa-redonda decorra da melhor forma e seja factor enriquecedor para todos nós.

Neste momento e neste local — que conheci apenas há 15 dias atrás quando aqui realizei uma visita com os meus alunos de Mestrado — não posso também deixar passar em claro o meu sincero agrado e expressar os meus parabéns a toda a equipa que trabalhou e investigou na concepção e conteúdos do Museu. Sei bem que este não é o encontro científico a inaugurar este espaço, mas creio que ele pode ser um passo importante — ou eu desejaria que o fosse — na concretização de uma colaboração mais estreita entre um Centro de investigação universitário e uma entidade privilegiada na investigação. Sem ela não haveria Museu do Côa. Na convergência de valências todos iremos ganhar.

Agradeço por fim, vivamente, a todos vós, a colaboração que prestam a esta iniciativa, por terem vindo, dando assim mais sentido ao esforço que foi desenvolvido. Muito obrigada.

[Aplausos]

■ ALEXANDRA CERVEIRA LIMA

Bom dia. Eu vou tentar ser breve, mas em nome de toda a equipa do Parque Arqueológico e Museu do Côa queria dar-vos as boas-vindas e dizer que estamos inteiramente à vossa disposição. Por isso, para tudo aquilo que necessitem não hesitem em contactar com qualquer um de nós. Gostava só de sublinhar dois ou três aspectos muito rapidamente. Um deles é, pegando também nas palavras da Doutora Raquel Vilaça, sublinhar a importância da investigação, porque muitas vezes, em conversas de café, é possível ouvir algo deste género: a investigação arqueológica não é exactamente a investigação fundamental, sobretudo em períodos de crise como é o actual, e não contribui da mesma forma que outro tipo de conhecimentos e de investigação podem contribuir para o desenvolvimento das comunidades, para o impulso do país. E eu diria que este edifício onde nós estamos — sede do Parque e Museu do Côa — são a prova viva do contrário. De facto, isto é um edifício que releva de um muito

bom projecto de arquitectura, é uma excelente obra de engenharia, mas o que está no seu conteúdo e os seus alicerces são claramente investigação arqueológica. E, portanto, digamos que nós estamos no que é a prova da força, da importância que tem a investigação arqueológica, quer em Portugal, quer em qualquer parte do mundo. Gostaria de sublinhar este aspecto. Gostava também de sublinhar um outro aspecto que é o facto de termos duas universidades aqui, um centro de investigação, a Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa e a Associação de Municípios do Vale do Côa. Esta articulação entre as diversas entidades é o que tem permitido fazer avançar projectos como este projecto maior do Parque e Museu do Côa, para que também estejam hoje em pé e vos acolham. E finalmente, para terminar, gostaria de dizer que — como sabem — isto é um serviço público e é tanto nosso, dos que aqui trabalhamos diariamente, como das universidades que dele devem usufruir, porque é também das universidades. Rigorosamente, é de todos vós e é de todos os cidadãos. E, portanto, convidar-vos a que usufruam deste espaço que é vosso, que se sintam bem nele e que, no fim de contas, sendo a vossa casa, cuidem bem dela também por isso mesmo. Bom dia e que corra tudo bem ao longo destes três dias.

[Aplausos]

■ MARIA DE JESUS SANCHES

Excelentíssimo Sr. Presidente do Município de Vila Nova de Foz Côa — Sr. Eng. Gustavo Duarte; Excelentíssimo Sr. Vice-Presidente do IGESPAR — Sr. Professor Doutor João Cunha Ribeiro; Excelentíssima Sra. Professora Doutora Raquel Vilaça do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto em representação da sua coordenadora — a Prof.^a Conceição Lopes; Excelentíssima Sra. Dra. Alexandra Lima, Directora do Parque Arqueológico do Vale do Côa, minhas senhoras e meus senhores, bom dia a todos.

É costume que estas sessões de abertura sigam certos requisitos formais e que apresentem os eventos nos seus objectivos e condições. Embora não me queira alongar em demasia, creio que este acto formal vale também pela oportunidade de focar alguns pontos essenciais que a todos queremos dar a conhecer e que em parte já foram focados também pela Prof.^a Raquel Vilaça e pela Dr.^a Alexandra Lima. Em primeiro lugar, quem somos nós — os que viemos para aqui — e por que razão vimos a urgência de promover e propor ao IGESPAR a realização desta reunião científica sobre as artes rupestres da Pré- e da Proto-História no Museu do Côa.

Nós somos o grupo de investigação “Espaços e Territórios da Pré-História” do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (CEAUCP). Somos assim o grupo de investigação de Pré-História que, logisticamente, está na Universidade do Porto, ou melhor, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde se está a constituir institucionalmente como Pólo daquele Centro. Este grupo de investigação — interdisciplinar — conta com uma linha de pesquisa denominada “Artes rupestres da Pré- e da Proto-História” que decidiu criar um ciclo de mesas-redondas de periodicidade anual para discutir questões pertinentes de vários âmbitos ligados à arte rupestre, e particularmente à investigação. Este ano foi escolhido o subtema “Paradigmas e metodologias de registo”. Portanto, é o subtema desta mesa-redonda. Nos próximos eventos outros temas se discutirão, como a Arqueologia Experimental, a conservação de sítios ou a divulgação. Mas iniciámos o nosso ciclo de conferências ou mesas-redondas aqui neste lugar paradigmático que é o vale do Côa e neste espaço que é o Museu do Côa por variados motivos. Em primeiro lugar porque é um excelente museu, tanto nos seus conteúdos científicos como na organização destes para o público, mas acima de tudo porque ele representa o expoente máximo da arte rupestre precisamente na região onde ela se encontra e na região que contem a maior concentração de arte paleolítica de ar livre do mundo, tendo como ponto nodal o Côa.

Assim, realizar aqui este encontro científico sobre arte rupestre pode ser considerado, a meu ver, como que uma segunda inauguração deste excelente espaço, mas uma inauguração agora de carácter científico. Queremos dizer assim ao país e ao mundo, e não somente a Vila Nova de Foz Côa, o que também esperamos dele — um espaço de investigação, de aprendizagem, de discussão aberta e de fruição da arte rupestre. Não é assim por acaso que esta iniciativa tenha partido de duas universidades — a Universidade do Porto e a Universidade de Coimbra — que entre finais de 1994 e durante o ano de 95 se empenharam arduamente, juntamente com tantas outras pessoas e organizações, para que hoje possamos ver, usufruir e entender este valioso e único património que aqui se encontra. Por outro lado, as gerações mais jovens, e particularmente os estudantes universitários — que são a maioria que eu estou a ver aqui no público — que são precisamente os futuros investigadores e zeladores do património, precisam de entender por que razão o vale do Côa, juntamente com Siega Verde no Vale do Águeda, foram classificados como Património da Humanidade pela UNESCO. Precisam de o compreender, porque um grande número de pessoas, incluindo estudantes, não sabem exactamente o “porquê”, assunto que será objecto também desta mesa-redonda, como todos esperamos.

Queria focar ainda um outro ponto. Nas nossas sociedades urbanizadas criou-se a ideia de que o que existe — isto é literal, *o que existe* — está na cidade, na grande cidade, ou na grande cidade e na sua periferia, onde se pode ir rapidamente e regressar, muito rapidamente também. O interior do país é visto assim como um “lá longe”, é um “lá longe”. Mesmo nos programas de gestão das universidades há este entendimento e, deste modo, muitos dos projectos que queremos desenvolver no âmbito universitário e que versam o interior do país abortam logo à nascença ainda na fase de pré-projecto por causa desse “lá longe”. Muitos dos que aqui estão conhecem o meu percurso como investigadora e por isso sabem precisamente daquilo que falo. Eu sou oriunda daqui, do interior, da fronteira do Douro Internacional e desde 1983 desenvolvi quase toda a minha actividade de investigação e de divulgação em Trás-os-Montes e Alto Douro. Deste modo, esta mesa-redonda insere-se assim também no meu percurso pessoal de vida e do que eu penso que pode ser o interior do país ou naquilo em que ele se pode transformar.

Agora é então o momento de fazer o agradecimento mais merecido e o mais sincero. Esse agradecimento é para o Sr. Presidente do Município de Vila Nova de Foz Côa — o Sr. Eng. Gustavo Duarte, por razões que até ele próprio desconhece e que eu vou explicar. Num momento em que concorriamos a vários apoios e as respostas tardavam, foi o Sr. Presidente o primeiro a conceder-nos um subsídio no preciso momento em que lho solicitámos. No mesmo dia e na mesma hora, verbalmente. Mais do que o valor do subsídio — que é substancial — deu-nos o incentivo de que precisávamos para continuar... Até estou emocionada com isto porque é verdade... Assim, Vila Nova de Foz Côa mostrou claramente que nos queria cá. “Queremo-los cá”. Muito obrigada, Sr. Presidente.

Agradecemos ainda a todos os conferencistas que disseram “sim!” desde a primeira hora, sem necessitarem de qualquer insistência suplementar. Muito obrigada também aos conferencistas. Um muito obrigado particular à equipa do Museu do Côa pelo excelente e incansável empenho e cujo apoio logístico está a ultrapassar as nossas expectativas. Toda a gente tem sido incansável.

Por último, agradecemos a todos por estarem presentes e desejamos que regressem mais felizes e encantados do que esperavam quando decidiram vir aqui. Um pedido de desculpa: por não termos os desdobráveis e programas impressos porque eles estão algures perdidos nos CTT, não sabemos aonde. Mas temo-los distribuído em fotocópia e constam também da documentação do site.

Muito obrigada a todos.

[*Aplausos*]

■ ENG. GUSTAVO DUARTE

Queria cumprimentar os meus colegas de mesa, a Sra. Prof.^a Maria de Jesus Sanches, da Universidade do Porto, a Sra. Prof.^a Raquel Vilaça, da Universidade de Coimbra, o Sr. Prof. João Pedro Ribeiro, do IGESPAR, a Sra. Directora do Parque, Dra. Alexandra Lima, e dizer-vos que é com muito prazer e muito gosto que mais uma vez estamos aqui neste museu para dar início a mais umas jornadas científicas. Em nome da Câmara Municipal quero dar-vos as boas-vindas. Quero, também, dizer aqui à Sra. Prof.^a Maria de Jesus Sanches que agradeceu o subsídio e o apoio que demos, que não têm nada que agradecer porque é uma obrigação da Câmara Municipal apoiar estas iniciativas. Aliás, quero-vos dizer que o nosso objectivo em termos de futuro é dinamizar esta infra-estrutura por forma a permitir o desenvolvimento desta terra. Penso que são eventos como este que temos que apoiar. Eu costumo dizer que, nesta região temos tudo o que é bom, temos produtos de excelência, desde o vinho, à amêndoa, às paisagens, ao património, à arte. Só nos falta uma pequena coisa que, neste caso, é fundamental, que são as pessoas. E estou convicto que com a organização destes debates, destas jornadas, e de outras que estamos a promover e que estaremos sempre dispostos a apoiar, conseguiremos atrair cada vez mais visitantes a esta terra. É evidente que, como disse aqui, também, a Sra. Prof.^a Maria de Jesus Sanches, o interior ainda é, infelizmente, o parente pobre, quando se trata de distribuir o parco dinheiro que ainda vai havendo. Mas penso e tenho dito várias vezes que com as gravuras rupestres e o Museu do Côa o poder central tem aqui uma oportunidade para tentar que o interior deixe de ser esse parente pobre. Se temos este património de arte rupestre unanimemente considerado, como único no mundo, um património paisagístico fabuloso, se temos esses produtos de excelência, esta região só pode ter futuro. Portanto, são acontecimentos como estes que nós tentamos e vamos incentivar. Queria também, e já que estão aqui professores universitários, deixar uma mensagem para reflexão. Acho que a nível das universidades, e tendo em conta o património existente, ainda podemos fazer mais em prol desta região. Não vou concretizar mais. Todos vocês percebem aquilo que eu quero dizer. Há mais alguma coisa que temos que fazer em colaboração com o poder científico das Universidades. Espero bem que dentro de alguns — poucos — anos possamos ter algo nesta área. E deixava aqui um pedido, se me permitem, as senhoras e senhores professores universitários — porque também têm uma palavra a dizer — que se crie um lóbi para que alguma coisa se faça também neste âmbito. Espero sinceramente que cheguemos a bom porto dentro em breve. Não me vou alongar muito mais para que possam dar início a esta mesa-redonda. Dizer-vos, mais uma vez, que é com todo o gosto que vos temos aqui. Espero que esta mesa-redonda corra da melhor forma possível, que os seus resultados sejam os mais frutuozos, espero que vocês todos desfrutem desta região e destas belas paisagens. E estou convicto que no final aqueles que se deslocam aqui pela primeira vez ficarão com vontade de um dia voltar. É esse o meu desejo, é isso que nós faremos para que aconteça. Mais uma vez agradeço a todos, ao IGESPAR, à organização destas jornadas e a vocês todos pela vossa presença. E alguma coisa que precisem, têm sempre a Câmara Municipal à inteira disposição dentro das suas possibilidades. Muito obrigado a todos e até já.

[Aplausos]